

Natureza e identidade no pensamento sul-americano do século XIX: o caso de Domingo Faustino Sarmiento e sua viagem a Montevidéu

Nature and identity in the 19th century South American thought: the case of Domingo Faustino Sarmiento and his journey to Montevideo

Liz Andrea Dalfre*

Nos últimos anos, a historiografia sobre a América do Sul têm se voltado com grande vigor para o estudo dos discursos de formação das identidades nacionais, evidenciando a importância da idéia de natureza nas narrativas de diversos intelectuais e escritores latino americanos. De acordo com tal orientação, o objetivo deste artigo é identificar e refletir sobre alguns elementos referentes à ideia de natureza e identidade, a partir da narrativa de uma viagem do escritor argentino Domingo Faustino Sarmiento, realizada a Montevidéu em 1846.

In the past years, historiography of South America has focused on the study of discourse in identity formation, a fact that stresses the importance of the idea of nature in narratives by several Latin-American thinkers and writers. Following this framework, this article aims at identifying and thinking about some elements related to the idea of nature and identity based on the narrative of the journey made by Argentinian writer Domingo Faustino Sarmiento to Montevideo in 1846.

Palavras-chave: Identidade latino americana. Natureza. Domingo Faustino Sarmiento

Key words: Latin American identity. Nature. Domingo Faustino Sarmiento.

Introdução

Durante o período *rosista* (1835-1852) diversos escritores, artistas, periodistas, entre outros grupos que nasceram ou viveram em províncias da República Argentina encontravam-se exilados por motivos de ordem política. Até 1852, a Argentina não existia como um Estado unificado sob uma única liderança política e identificada a partir de um sentimento de pertencimento, mas estava dividida em províncias sob a autoridade de Juan Manuel Rosas, governador de Buenos Aires. Por meio de pactos interprovinciais e acordos com estancieros e caudilhos, Rosas estendeu seu poder por todo o território, mas sem a adoção de uma constituição, de um governo central formal ou de instituições nacionais. Nesta conjuntura, prevaleceram guerras civis e o exílio de literatos que se opunham às ações e ideias propagadas por essa liderança.

Segundo Jorge Myers (2007, p. 81-85), três tentativas de construção de um estado unificado foram feitas durante o século XIX na Argentina. Primeiramente com Rivadavia, em 1824, quando houve uma tentativa de unificação por meio da

*Doutoranda em História. Universidade Federal do Paraná – PR - Brasil

Constituição de 1819, a qual nunca foi aplicada. A palavra Argentina, neste contexto, passou a ser utilizada pela primeira vez com o significado mais próximo do de hoje conhecido, o de República Argentina, ou seja, a união de várias províncias sob uma constituição; em um segundo momento, durante a década de 1830, quando emergiu a figura de Juan Manuel Rosas; e uma terceira tentativa foi indicada a partir de 1852, com a queda de Rosas e a ascensão de Justo José de Urquiza, momento no qual houve a tentativa de unificação. Porém, somente em 1861, as lideranças políticas se voltariam para a formação de uma identidade nacional argentina. Alguns autores, como Shumway (2008, p. 18), entretanto, indicam a década de 1880 como linha divisória entre a instabilidade política e social e a moderna nação argentina.

Muitos escritores, ao questionarem a política *rosista* no que diz respeito aos princípios adotados por Rosas para estabelecer sua autoridade, à ausência de uma constituição, à tendência belicosa, à repressão de expressões políticas divergentes ou à liberdade de imprensa, viram-se obrigados a procurar exílio em países vizinhos, como o Uruguai, o Brasil e o Chile. Este foi o caso do sanjuanino Domingo Faustino Sarmiento. Ao fundar o ano de 1840, ele deixou sua província natal, San Juan, para se estabelecer a oeste dos Andes, em Santiago do Chile.

Para os desterrados, o exílio não amenizou a preocupação com os caminhos adotados por Rosas para a República Argentina. Ao contrário, essa temática esteve na ordem do dia e se tornou um dos principais pontos de interesse e debate para muitos letrados, que se atribuíam a função de pensar outras possibilidades em direção ao progresso e à civilização, noções estas compreendidas de acordo com uma orientação ilustrada.

Em meio a tais preocupações, pensar a pátria, ainda não entendida como nação, tornou-se objetivo central entre os escritores emigrados. Neste sentido, a conformação de uma identidade, com a atribuição de valores e lugares, transformou-se em uma prática constante. O debate de ideias e perspectivas se dava, principalmente, a partir dos periódicos dos países nos quais estavam vivendo. Também manifestavam suas opiniões, desejos e anseios nas correspondências que trocavam e em obras publicadas em formato de livro.

Estabelecer o diagnóstico dos males que assolavam o país natal, buscar as origens (ou negá-las), elencar marcos históricos, definir uma identidade e uma memória coletiva se tornaram parte do projeto ao qual esses grupos se dedicaram ao longo de suas atividades narrativas. Um dos elementos de grande recorrência e valorização nestes discursos foi a ideia de natureza, constantemente pensada em sua relação com a formação de identidades nacionais na América do Sul.

Diversos pesquisadores apontam para o fato de que, durante o século XIX, cientistas e viajantes que percorreram o território americano pesquisaram e refletiram – a partir de olhares racionalistas e românticos – sobre a natureza, tentando compreender suas leis, controlar suas ações ou encontrar inspiração em suas formas.

O oitocentos foi também o século dos viajantes e de romancistas que descreviam lugares e grupos sociais de terras consideradas exóticas aos olhos ocidentais. De Conrad

a Cooper, de Humboldt a Saint-Hilaire, a ação de descrever povos, cidades e paisagens tornava-se cada vez mais comum e se associava à intenção e à prática de conhecer para ocupar, colonizar e civilizar.

Neste contexto, além da valorização da razão e do conhecimento ilustrado, o narrador deveria adquirir uma determinada sensibilidade que o tornasse capaz de descrever a alteridade, de perceber costumes exóticos e indicar aspectos da natureza exuberante. A transmissão desse conhecimento se dava por meio de narrativas de ficção ou através de textos e imagens elaborados nos moldes científicos europeus. Estes mesmos escritores/desenhistas atribuíam ao próprio trabalho um caráter imparcial, separando, muitas vezes, “a narração pitoresca, que oferece naturalmente interesse geral, e (...) tudo o que é rigorosamente científico.” (POHL, 1976, p. 14).

Criou-se uma experiência de viagens e narrativas de viagens em que o ainda “Novo Mundo” era um lugar privilegiado para tais incursões. Além das populações indígenas, exóticas aos olhos europeus e aos de muitos cidadãos americanos, a América guardava uma natureza ainda considerada selvagem, pura, pouco conhecida e pouco explorada, embora sobre ela já existissem, desde o final do século XV, uma grande variedade de teses e debates que versavam sobre a sua posição diante do Velho Mundo, conforme Antonello Gerbi indicou na obra *O novo mundo: história de uma polêmica* (1996).

Muitos escritores oitocentistas, inclusive americanos, (re)(significaram) os elementos da observação a partir de referenciais desse imaginário de longa duração e atribuíram grande importância às narrativas sobre a natureza do continente. O naturalista Alexander Von Humboldt contribuiu decisivamente para o revigoramento de tais debates, inclusive na América Latina, a qual percorreu entre o final do século XVIII e início do XIX. Sua experiência de viagem resultou em uma série de textos de cunho científico e estético, nos quais descreveu a geografia, o clima, os animais, entre outros elementos.

A valorização da natureza americana ocorreu em detrimento das populações coloniais, fossem elas formadas por crioulos, indígenas ou mestiços. Além da detração, a América surgiu aos olhos de viajantes, a exemplo de Humboldt, como uma tela des-historicizada, pois indiferente à presença humana, ou seja, a sociedade colonial não aparecia como parte integrante da paisagem, mas somente como pano de fundo. Essas imagens e debates se tornaram mais complexos à medida que era publicada e divulgada *A origem das espécies* (1859) de Charles Darwin, acarretando a adoção de ideias científicas e evolutivas do ponto de vista biológico para diversas áreas do conhecimento. Viajantes, intelectuais e pensadores, de forma geral, foram influenciados por essas ideias, inclusive os intelectuais latino-americanos que tinham como ponto de referência de seus estudos a produção científica europeia.

O ser humano – destituído de sua origem divina, pois passou a compartilhar sua ancestralidade com os animais – tornou-se diminuto perante a natureza exuberante, ativa e imponente. “Imagem poderosa para se pensar a relação homem-natureza de um ponto de vista romântico; poderosa para se pensar as regiões tropicais e sua população.

Os trópicos foram adquirindo significados míticos e simbólicos” (NAXARA, 2001, p.438).

Conforme Maria Ligia Coelho Prado (2004, p. 179), artistas românticos desse período atribuíram à natureza qualidades e defeitos semelhantes aos dos seres humanos e nela projetaram sentimentos, anotando suas sensações de admiração e temor. Em tal contexto, diversos pensadores latino-americanos compartilharam desse entendimento sobre o meio natural, ao mesmo tempo em que refletiram sobre a América e sua região de origem, relacionando aspectos sociais, culturais e políticos à grandiosidade e exuberância ou às dificuldades que uma natureza considerada bruta e, muitas vezes, ainda inacabada, conferia à sociedade.

A partir das questões apontadas, interessa saber como os americanos se apropriaram dessas concepções referentes à ideia de natureza. Para realizar esse percurso, selecionei um texto do argentino Domingo Faustino Sarmiento no qual ele descreveu, em uma viagem a Montevidéu, suas impressões e sensações acerca do Rio da Prata. Alguns questionamentos permearão esta reflexão, tais como: de que forma Sarmiento se apropriou do imaginário referente à natureza? Como ele representou o Rio da Prata? Qual relação o autor estabeleceu entre homem e natureza?

Para responder às questões propostas, utilizarei uma carta datada de 25 de janeiro de 1846, escrita em Montevidéu e endereçada a Vicente Fidel López. Esta carta foi publicada no livro *Viajes*, onde também foram registradas as anotações do percurso realizado entre 1845-1847, do Chile à América do Sul, Europa, África e América do Norte. Esta correspondência é exemplar para mostrar os sentidos atribuídos pelo autor à noção de natureza e como se deu a construção de representações culturais identitárias para a América do Sul e, especificamente, para a região do Prata, no momento no qual diversos pensadores americanos refletiam sobre os caminhos políticos e ideológicos que deveriam ser adotados em seu país. Em termos teóricos e conceituais, empregarei algumas reflexões propostas pela vertente dos estudos culturalistas, especialmente a partir das reflexões de Stuart Hall (2005), referentes ao conceito de identidade. Também utilizarei algumas proposições historiográficas relacionadas ao conceito de memória, desenvolvidas a partir dos estudos de Jacy Seixas (2001) e José D’Assunção Barros (2009).¹

O viajante e sua viagem

É importante lembrar que o viajante, que saía do porto de Valparaíso, em 1845, para uma viagem que duraria mais de dois anos, era uma figura de destaque no meio intelectual chileno. Sua produção, antes da viagem, foi prolífica e se caracterizou pela diversidade e pela polêmica. Sarmiento se envolveu em debates referentes ao uso da língua espanhola, ao teatro, aos costumes, entre muitos outros temas. Travou uma campanha contra Juan Manuel

¹ Esses autores apresentam uma interessante reflexão sobre dos usos da ideia de memória na historiografia e abordam autores considerados clássicos sobre o tema como Michel Pollak, Maurice Halbwachs e Paul Ricouer, entre outros

Rosas por meio dos periódicos chilenos e defendeu uma postura contrária à política *rosista* na República Argentina. Esse embate se deu principalmente a partir dos artigos publicados em forma de folhetim no jornal *El Progreso* de Santiago e culminou na publicação destes textos em formato de livro em 1845. Após algumas alterações no título, a obra recebeu o nome de *Facundo o civilización y barbárie en las pampas argentinas*. (PAGLIA, 2012, P. 44-45).

Facundo é considerado um dos livros de fundação da literatura argentina e hispano-americana. Embora as ideias ali expostas estivessem presentes também em outras produções do autor, o texto foi objeto de canonização no decorrer do tempo, chegando mesmo a ser considerado a obra definitiva de Domingo Faustino Sarmiento. Esta valorização ocorreu devido ao alcance que obteve na época de sua publicação – que deu margem para elogios e críticas –, aos debates que provocou, à circulação alcançada e à indexação de determinadas representações.

Em *Facundo*, o sanjuanino interpretou o processo histórico argentino a partir da antítese civilização/barbárie. A publicação colocava em evidência dois termos aparentemente antagônicos e transferia para o debate público a tensão que implicavam, já que essas noções se tornaram matrizes do pensamento social latino-americano e um dos grandes eixos organizadores da vida nacional, que perdura até a atualidade, ainda que com alterações e re-significações. (PAGLIAI, 2012, p. 35).

A antítese civilização *versus* barbárie constituiu uma ideia central em meados do século XIX, a partir do qual muitos pensadores construíram reflexões e modos de interpretação e de representação da nação. Entendida como devir, no sentido de “um processo progressivo fundamental da história, e também como um estado final resultante desse processo” (MÄDER, 2006, p. 34), a palavra civilização foi apropriada e recebeu a conotação de um estado ideal a ser alcançado pelas nações, um termo em torno do qual muitos pensadores debateram e que ganhou autoridade no século XIX.

Ainda em 1845, Sarmiento foi contratado pelo governo chileno para realizar uma pesquisa acerca dos sistemas educacionais e de colonização nos países europeus e nos Estados Unidos. Esta viagem já havia sido proposta por ele ao então Ministro da Instrução Pública, Manuel Montt, em 1842, mas este considerou mais conveniente, na ocasião, criar primeiro a *Escuela Normal*, cuja direção coube ao próprio Sarmiento.

Na decisão pela viagem, parte da bibliografia enfatiza que também pesaram para o governo chileno as dificuldades diplomáticas que enfrentava nas relações com a República Argentina, em função da campanha antirrosista liderada por Sarmiento, da qual fizeram parte a publicação de *Facundo* e os debates suscitados por este e outros escritos do autor. Para Pagliai (2012, p. 53), o resultado dos debates em torno da publicação de *Facundo* no Chile não foi favorável a DFS, elemento que corroborou a decisão de Montt. Assim, alguns anos após a proposta inicial, já em 28 de outubro de 1845, o sanjuanino embarcou em uma viagem com destino à Europa. Na bagagem, levou alguns volumes de *Facundo*, obra na qual apostava para divulgar no exterior.

A viagem iniciada por Sarmiento em 1845, saindo do Chile em direção ao Rio da

Prata, nas palavras de Juan José Saer (1996, p. XVII), representou a primeira confrontação do argentino “con los arquetipos políticos, sociales y literários que, desde su adolescência, habían moldeado su pensamiento”. A viagem possibilitou que o sanjuanino entrasse em contato com uma série de paisagens e grupos sociais já descritos em seus textos, mas ainda não conhecidos por ele, uma vez que até aquele momento não havia viajado longas distâncias e a maior cidade que conhecia, na época, era Santiago do Chile.

Durante a viagem realizada entre 1845 e 1848, Sarmiento percorreu vários países, como o Uruguai, o Brasil, a França, a Espanha, a Inglaterra, a Argélia e os Estados Unidos, e registrou suas observações em cartas remetidas para seus amigos, dando notícias sobre seu percurso, registrando observações sobre a forma de governo e a composição social dos locais visitados, além de aspectos relacionados à educação, à imigração e à natureza. Essas correspondências foram publicadas logo após seu retorno ao Chile, em 1849, sob o título *Viajes por Europa, África e América*.²

De acordo com diversos analistas, a viagem que Sarmiento realizou foi importante na definição de suas concepções políticas e na adoção de uma determinada concepção de liberdade e de república. Por outro lado, a experiência também criou uma desilusão com a Europa “condenada a oscilar entre a revolução e a reação” (MÄDER, 2006, p. 57). O autor considerou a legitimidade dos governos europeus desgastada e observou enormes contrastes sociais. Em contraponto, experiência nos Estados Unidos criou a convicção no modelo de república norte-americano “e também em uma sociedade aberta na qual imigrantes e capital podiam fluir e onde garantias civis naturalmente abriam caminho para o progresso” (MÄDER, 2006, p. 57-58).

Mäeder (2006, p. 58) escreveu também sobre a possibilidade de se estabelecer uma importante relação entre o percurso de Domingo Faustino Sarmiento e a de Tocqueville nos Estados Unidos, quinze anos antes, argumentando que ambos realizaram viagens como membros de comissões governamentais. O primeiro foi enviado pelo governo chileno para analisar o sistema educacional dos Estados Unidos, e o segundo, pelo governo francês, para estudar o sistema penitenciário. Eles teriam, ainda como ponto em comum, o fato de terem escrito importantes trabalhos que derivaram de tal experiência, como *A Democracia na América e Viajes*.³

Embora a obra de Tocqueville tenha alcançado um status que *Viajes* não alcançou a escrita de tais narrativas partiu de uma ambição comum de acordo com Mäeder (2006, p. 58). Argumenta ainda a autora que, na região do Prata e no Chile, a experiência republicana e a democracia foram interpretadas a partir da narrativa de Tocqueville, entre outros pensadores. A autora finaliza tal comparação explicando que

² *Viajes* constitui a primeira edição das cartas, recolhidas e editadas em Santiago do Chile e foi publicada em dois volumes, o primeiro em 1849 e o segundo em 1851. Quando as Obras Completas de Sarmiento foram publicadas, entre 1885 e 1903, os dois volumes de *Viajes* foram combinados no volume V da coleção. Originalmente, os textos foram organizados em 11 cartas, concebidos como carta-relatórios, e dirigidas a diversos aliados políticos, a maioria deles antirrosistas exilados no Chile e no Uruguai. Sobre a organização e publicação de *Viajes*, ver: CERCHIA, Ricardo. *Journey to the centre of the earth: Domingo Faustino Sarmiento, a man of letters in Algeria*. In: *J. Lat. Amer. Stud.* Cambridge University Press, 36, 665-686, 2004.

³ As impressões do francês Alexis de Tocqueville em relação aos Estados Unidos foram registradas na obra *A Democracia na América*, cujo primeiro volume foi publicado na França em 1835.

“Sarmiento e Tocqueville questionaram o futuro, tendo como horizonte as promessas oferecidas pela liberdade humana quando ela encontra a novidade da democracia.” (MÄDER, 2006, p. 58). O distanciamento entre Tocqueville e Sarmiento se dava, ainda conforme a autora, na medida em que, para Sarmiento, o passado deveria ser negado, enquanto Tocqueville via a democracia como uma possibilidade para se resgatar o antigo sentido da liberdade aristocrática.

Tais questões ainda não estavam postas para Sarmiento no início de sua viagem, quando fez sua primeira parada, na cidade de Montevidéu. A experiência propiciada pelo conhecimento do contexto francês, argelino e estadunidense, principalmente, levaram o autor a questionar a premissa da França como principal parâmetro civilizacional e a defender aspectos da política e da educação estadunidense como ideais. Este talvez seja um dos motivos pelo qual grande parte dos analistas se voltou, sobretudo, para as correspondências referentes aos países da Europa, da África e dos Estados Unidos, pois valorizaram tais experiências como paradigmáticas no pensamento do autor, em comparação com a narrativa produzida a partir do conhecimento de outros locais, como Montevidéu e o Brasil.

De acordo com Cicerchia (2004, p. 665), Sarmiento representa uma tradição de “statesmen-writers” (estadistas-escritores), e suas narrativas de viagem constituem uma pedra angular em torno da qual os princípios da identidade nacional argentina foram elaborados, já que o olhar sobre os demais países funcionava como um espelho a partir do qual era possível refletir sobre o contexto de sua terra natal.

Domingo Faustino Sarmiento em Montevidéu

Em 13 de dezembro de 1845, após um mês e meio, tempo que, em geral, levava um barco a vela de Valparaíso a Montevidéu, Sarmiento atracou na cidade. Em Montevidéu, o sanjuanino encontrou uma cidade sitiada pelas forças do general Oribe, apoiado por Rosas. Entre os anos de 1839 e 1851, ocorreu um conflito no Uruguai, envolvendo facções políticas locais, a Argentina, o Brasil, a Inglaterra e a França. Quando Sarmiento desembarcou no Uruguai, deparou-se com tropas francesas, inglesas e sul-americanas. Esse evento recebeu o nome de Guerra Grande e esteve relacionado ao enfrentamento entre unitários e federalistas (partidos da República Argentina) e entre colorados e blancos (partidos do Uruguai).

Quanto a sua situação, é importante ter em mente que Sarmiento não era desconhecido no meio literário e periodístico desta cidade, pois *Facundo* estava sendo veiculado no diário *El Nacional*, retirado diretamente de *El Progreso*, de Santiago. Dois dias após a sua chegada a Montevidéu, esse mesmo diário publicou a seguinte nota:

D. Domingo Faustino Sarmiento. Este literato se encuentra entre nosotros, habiendo llegado de Chile al sábado. Conocido por sus

talentos, especialmente como escritor, irá progresando en esta carrera en que ya se presenta como una notabilidad. De tránsito para Europa ha querido visitar a Montevideo por cuya causa y por cuyo triunfo ha mostrado las más vivas simpatías. Efectivamente nuestra ciudad es un objeto de estudio para el político y para el patriota. Congratulamos el señor Sarmiento. (EL NACIONAL apud FERNANDES, 1996, p. 636).

De Montevideú, Sarmiento escreveu para seu amigo Vicente Fidel López, quando partiu da cidade dando prosseguimento à viagem: “¿Cuánto ha dilatado, mi buen amigo, esta carta tantas veces prometida, que se hace al mar al tiempo mismo que yo me abandono de nuevo a las ondas del Plata, para ganar el proceloso Atlántico en prosecución de mi viaje!” (2006b, p. 23). Antes de informar o amigo sobre as impressões de Montevideú, teceu alguns comentários referentes ao envio de alimentos para a cidade sitiada. Em sua correspondência, também descreveu a cidade, explicando os condicionantes do sitio, sobre os estrangeiros, mostrando que eram proprietários do comércio e da indústria nascente, entre vários detalhes referentes aos conflitos e contendas que assolavam a cidade.

Nos comentários realizados para o amigo, nos quais relatou as impressões de Montevideú, chamou-nos atenção a maneira como descreveu o Rio da Prata, identificando-o não somente como um lugar de fronteira, mas, principalmente, como o lugar privilegiado da história - da história dos argentinos, dos gaúchos, dos americanos e dos conflitos entre eles e os europeus.

Neste contexto, Sarmiento também encontrou vários compatriotas exilados, como Esteban Echeverría e Florencio Varela, os quais sempre elogiavam a pátria em suas recordações, conforme indicou o autor.⁴ O encontro de literatos e escritores argentinos exilados, nos locais por onde Sarmiento passou durante a viagem, foram importantes para a ampliação de sua rede de sociabilidades. Ao partir, deixou registrada a importância dos contatos estabelecidos naquele momento: “cuantos arjentinos inteligentes encierra, tantos amigos dejo en esta ciudad” (SARMIENTO, 2006b, p. 25).

⁴ Esteban Echeverría foi um literato pertencente à denominada *Geração de 1837* ou *Geração Romântica*, caracterizada pelos especialistas como um grupo de literários considerados fundamentais na formação da nação Argentina. Eles criaram um gênero da literatura argentina que consiste na explicação do fracasso e se atribuíram as tarefas de identificar os problemas da Argentina e criar um programa de ação para deixá-la moderna. Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría, Juan María Gutiérrez e o próprio Sarmiento são considerados integrantes desse movimento. Sarmiento se identificou com as soluções propostas pela *Geração Romântica* para superar a crise política e ideológica da futura nação argentina. Esteban Echeverría morou muitos anos na Europa, de onde provinha sua formação. De volta a Buenos Aires, a partir de 1830, teve importante participação nos salões literários e sociedades secretas literárias da época. Devido às perseguições do período *rosista*, exilou-se em Montevideú, onde viveu até 1851, quando faleceu. Além de importante poeta do período, Echeverría também produziu textos de cunho político, entre os quais o mais conhecido é *Dogma Socialista*, um ensaio no qual examina as questões sociais e políticas do contexto a partir de quinze palavras simbólicas. *Dogma* foi publicado em 1846, ano no qual Sarmiento passou por Montevideú.

O rio e a história: construção de uma sensibilidade

Os rios, durante o século XIX, foram elementos fundamentais nas narrativas sobre a natureza das Américas. Eles representaram um importante recurso discursivo a partir do qual os narradores identificaram regiões, tipos sociais e até mesmo acontecimentos históricos. Tal percepção transparece não somente na escrita de diversos viajantes europeus e norte-americanos que circularam pelas Américas no oitocentos, mas também foi adotada como elemento identitário por diversos escritores sul-americanos. As narrativas sobre os rios, neste momento de formação dos Estados nacionais, também representavam um símbolo importante para a formação de um sentimento de pertencimento, sobretudo para os intelectuais argentinos que, na década de 1840, debatiam fervorosamente sobre a abertura do Prata para os demais países e para as províncias do interior.

Um bom exemplo desse tipo de representação na América são as imagens criadas pelos artistas da *Escola do Rio Hudson*. Na primeira metade do XIX, eles pintaram paisagens dos vales e montanhas que cercavam este rio localizado no nordeste dos Estados Unidos. As pinturas sobre o Hudson foram utilizadas como elemento da representação identitária do lugar, da população, de sua capacidade de conquista do meio selvagem, original e inóspito.

Conforme Maria Lígia Coelho Prado (2004, p. 191), essas imagens alimentaram o imaginário social dos estadunidenses no que concerne à grandiosidade de sua natureza. As representações pictóricas sobre o Hudson também foram usadas como discurso de legitimação da conquista da *wilderness*. Constitui, portanto, um importante exemplo de como os Estados Unidos buscaram, em sua natureza, a base para uma afirmação nacional positiva.

Ao observar o Rio da Prata, Domingo Faustino Sarmiento o descreveu como um lugar da fronteira, já que separava Buenos Aires e Montevidéu. Mas as atribuições não se encerraram somente na representação espacial da separação entre dois países. O autor criou significados diversos para o Prata durante sua viagem, sobretudo o identificando como lugar da história, pois carregava a memória dos conflitos que ocorreram sobre ele ou às suas margens.

Já no início da carta, descreveu alguns detalhes sobre o rio, evidenciando aspectos da natureza, como as cores. “(...) entramos en una zona de água purpúrea que en sus orillas contrastaba perfectamente con el verde esmeralda del mar cerca de las costas” (SARMIENTO, 1996b, p. 23). Mas a descrição do rio não apareceu desacompanhada de um comentário de cunho político. “Pero el capitan que no entiende de estas cosas dijo, medio serio, medio burlándose, ‘estamos en el Rio’, i señalando la enrojecida agua, ‘esa es la sangre, añadio, de los que allá degüellan’”. (SARMIENTO, 1996b, p. 24.)

É importante ter em mente que os relatos de viagem do século XIX, de maneira geral, formam um corpo de conhecimento importante tanto pelas descobertas que eram incorporadas, como também por demonstrar projetos expansionistas, tentativas

de enquadramento do espaço, da natureza e dos grupos sociais a partir de perspectivas racionalistas. Neste sentido, a viagem de Sarmiento a Montevideu é reveladora de um modo de pensar e valorizar uma determinada ideia de história, de natureza, de homem, mas também de política e de nação. Exemplo disso foi a crítica realizada após o comentário do capitão.

Por lo pronto permanecí enmudecido, triste, pensativo, humillado por la que fué mi patria, como se avergüenza el hijo del bandon de sus padres. ¿Creerá usted que tomé a mi cargo probar que eran infusorios, ino nuestra sangre la que teñia el malladado rio? Sangrenta en efecto es su historia, gloriosa a la par que estéril. (SARMIENTO, 1996b, p. 24.)

De acordo com Ricardo Cicerchia (2004, p. 665), os textos de *Viajes* faziam parte de um corpus fundamental de escrita que surgiu em meio ao projeto modernizador da República Argentina e forneceu um retrato claro da ambição do seu autor em forjar a história à sua própria imagem. Os recursos retóricos confirmam tal intenção. A crítica realizada ao comentário do capitão se uniu à expressão do autor que, “emudecido”, “triste”, “pensativo” e “humilhado”, enfatizou o caráter glorioso da pátria, mesmo diante da violência observada pelo capitão.

No texto sarmientiano, o Prata foi indicado como o campo de batalhas sobre o qual se derramou (e ainda se derramava) muito sangue. Sarmiento escreveu no contexto da Grande Guerra, momento no qual Montevideu estava ocupada por Manuel Oribe, tropas francesas e britânicas. Ele relacionou muitos acontecimentos que ocorreriam naquele momento ao rio, compreendido como cenário. Além de palco de inúmeros conflitos, o Prata também aparece, na narrativa do autor, como uma personificação heroica, como “el Rio guerrero” (SARMIENTO, 2006b, p. 25).

Neste sentido, as pessoas que viviam às margens também sofriam não simplesmente a influência, mas a presença do rio. O autor destacou, em meio à guerra, aos conflitos armados e às mortes, a vida emocionante dos moradores de Montevideu e dos soldados que defendiam os interesses de seus governos durante esse período.

Por um lado, o Prata emergia como o lugar da fronteira, e, por outro, como o lugar da história comum, o local do exílio dos seus pares, no qual argentinos e uruguaios estiveram unidos contra um inimigo comum: os espanhóis. Neste sentido, os binários história/geografia e natureza/política aparecem juntos. O rio, no texto de Sarmiento, fazia parte da ideia de história. Além de constituir uma espécie de “arquivo vivo”, guardião da memória das guerras, das lutas empregadas por governantes da Argentina, do Uruguai e por tropas francesas e inglesas, era também a fronteira natural. Por isso Sarmiento recordou os conflitos da Independência que ali ocorreram, as lutas travadas em 1814, a tomada da esquadra espanhola em 1823, entre outros acontecimentos. De acordo com o autor:

I no es de ahora esta existencia guerrera del rio. En 1807 Sir Samuel Achmuty rueda con sus naves en torno de la península montevideana, i despues de arrojarla catorce dias balas en su seno, encuentra la juntura de su coraza de peñascos e cañones i la toma por asalto. Em 1808 Mont Elio desobece ao virei de Buenos Aires i la lucha de ambas riberas se inicia por el sitio de Rondeau, de cuyas filas sale Artigas que levanta la bandera roja; i los suplicios atroces, perpetuados por la inquisición en el espirito español, toman formas nuevas, estrañas, adaptadas a la vida pastoril. (SARMIENTO, 2006b, p. 25).

Além das construções impressas em cada canto da cidade, narradas com avidez, a natureza – por meio de um de seus elementos, o Rio – constituía um importante símbolo da história dos conflitos entre europeus e americanos. Esta história “la leo escrita em el rio mismo, em las calles e alrededores de Montevideo” (SARMIENTO, 2006b, p. 28).

Como lugar de memória e história, o Rio transformou-se em um canalizador de identidades, pois, a partir da localização dos grupos que combateram sobre ele, Sarmiento identificou os americanos e os estrangeiros em relação às águas do Prata. Personagens e paisagem se confundem e se completam em sua narrativa, formando o cenário de uma parte da história da América do Sul. “Las inauditas i osadas empresas de Garibaldi no ham podido nada contra el viejo tirano de estas aguas, Brown, cuyo nombre abraza la historia maritima de Buenos Aires desde 1812 hasta este momento” (SARMIENTO, 2006b, p. 25). Foi criada uma memória do que havia acontecido sob o rio, memória essa pensada como instância criativa, a partir da qual o autor buscou produzir significados quando associada aos conflitos entre os grupos que já passaram pelo local em outros contextos.

No início da correspondência de Sarmiento sobre Montevidéu, temos a impressão de que se trata de mecanismos de uma memória involuntária, no sentido atribuído por Jaci Seixas (2001, p. 40). Segundo esta autora, a memória involuntária surge em qualquer momento ou lugar, quando temos contato com algo que nos lembra o passado, como um cheiro, um sabor, uma imagem, não constituindo, portanto, uma ação racional, diferentemente da ideia de memória voluntária, na qual o indivíduo ou grupo seleciona, de forma intencional, o conteúdo desejado.

No decorrer do texto, Domingo Faustino Sarmiento associou a esta memória involuntária aspectos selecionados da história da América do Sul, enaltecendo determinados grupos, criticando outros e relacionando acontecimentos e pessoas aos caminhos fluviais, como quando se referiu a Brown, “cujo nome abraça a história marítima de Buenos Aires”, atribuindo uma grande importância a esses caminhos. Neste sentido, a narrativa buscou construir uma memória de forma voluntária, já que o autor selecionou elementos que interessavam diretamente para a formação de uma determinada identidade. Sobre as possibilidades de uso da memória, Barros afirma que

já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um 'espaço inerte' no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como 'território', como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante. (BARROS, 2009, p. 37).

Sarmiento, assim como outros representantes da *Geração de 37*, muitos dos quais estavam exilados em Montevidéu, defendia a livre navegação dos rios da bacia do Prata, enquanto Juan Manuel de Rosas, governador da província de Buenos Aires, resistiu a tal liberação. Ao considerar os rios como elementos de integração das províncias e do contato com o mundo europeu, ou seja, com o que considerava o modelo de civilização, o sanjuanino atacou seus opositores por meio do resgate da história e dos grupos que lutavam às margens e sobre o Prata. Ele desenvolveu uma reflexão unindo homem, tempo e espaço e atribuiu representações a esse conjunto, resgatando elementos da memória histórica da região e elegendo um conjunto de símbolos identitários.

Ao chegar a Montevidéu, Sarmiento compartilhou da história deste local como sendo a sua. Os elementos comuns da memória histórica ganharam espaço em sua observação, e o inimigo comum uniu as duas margens do Rio: “i el enemigo que cercaba a Montevideo, lo era mio tambien, por quel parentesco i mancomunidad que une a los dos republicas del Plata em sus odios i en sus aficciones” (SARMIENTO, 2006b, p. 27). O rio foi descrito, na narrativa, como um fator de união entre Uruguai e Argentina, ideia reforçada a partir do encontro do autor com outros exilados, seus pares, que estavam na mesma situação.

Un ejército arjentino sitiaba la plaza a las órdenes de un montevideano; i la plaza habia improvisado i sostenido su resistencia a las órdenes de un jeneral arjentino. La prensa del Cerrito redactábanla montevideanos i la de Montevideo los arjentinos; i en ambos ejército i em ambos partidos, sangre i víctimas de una i otra playa, confundían sus charcos o sus ayes en la lucha que fomenta el rio que los une en lugar de dividirlos. (SARMIENTO, 2006b, p. 27)

Dessa forma, por meio da descrição do rio e dos elementos humanos que se organizaram às suas margens ou sobre ele, Sarmiento lançou mão de reflexões referentes à formação territorial da região sul e à aspectos identitários. Nessa narrativa, o Prata se converteu na singularidade desta parte da América. A utilização do rio como uma representação cultural da coletividade que vivia no Prata insere esse tipo de narrativa no contexto moderno, no qual as culturas nacionais constituem uma das principais fontes de identidade e de produção de sentido, que são formadas e transformadas no interior da representação (HALL, 2005, p. 48). Neste caso, a narrativa de *Viajes* é exemplar para observarmos alguns aspectos desta construção de sentido, pois, ao observar, descrever

e analisar, o autor pretendeu criar um conjunto de significados que identificassem a população a partir de sua história e de seus elementos geográficos.

O rio e os poetas

Ao comentar sobre os poetas da Argentina e de Montevidéu, Domingo Faustino Sarmiento enalteceu o compatriota Esteban Echeverría, influência importante de sua juventude e presença constante em suas cartas, considerado por ele “poeta ardiente e apasionado” que se “ocupa de cuestiones sociales i políticas (...) alma elevadísima por la contemplación de la naturaleza” e com quem havia travado contato “del otro lado del rio” (SARMIENTO, 2006b, p. 53). O sanjuanino evocou sua poesia para novamente criticar o estado de sitio no qual se encontrava a região sul. “El poeta de la desesperación”, como a ele se referiu Sarmiento, foi aclamado como o responsável pelo grito de liberdade e justiça que conseguiu proferir somente a partir dos livros, das teorias, das constituições e, também, por meio da poesia.

Ao lado do brado que reclamava as convulsões sofridas na parte sul da América, Sarmiento novamente estabeleceu uma relação entre política e natureza, a partir da inserção de uma poesia de Echeverría sobre o Prata. De acordo com o autor, “a falta de sentimientos morales para engalanar su patria, tan humillada i tan cubierta de lodo, Echeverría canta las grandezas naturales de su rio”.

(...)

I te quiero !oh Plata! Tanto
 Como te quise algun dia,
 Porque tienes un encanto
 Indecible para mí;
 Porque en tu orilla mi cuna
 Feliz se meció, aunque el brillo
 Del astro de mi fortuna
 Jamás en tu suelo ví.

Te quiero como el recuerdo
 Mas dichoso de mi vida,
 Como reliquia querida
 De lo que fué i ya no es;
 Como la tumba do yacen
 Esperanzas, ambiciones,
 Todo un mundo de ilusiones
 Que ví en sueño alguna vez (SARMIENTO, 2006b, p. 55)

Para Sarmiento, o habilidoso poeta teve a sensibilidade de traduzir, sílaba por sílaba, o seu país, a sua época e as suas ideias. Por meio dos seus versos, Echeverría teria transmitido a sensação de que a natureza – na materialidade do Rio – sofreu

as experiências junto aos homens, como parte integrante da sociedade. A partir da apropriação dos versos do poeta, Sarmiento se referiu ao Rio como parte integrante de sua memória. “Te quiero como el recuerdo”, “como reliquia querida” que, assim como a sociedade local, esfacelou-se diante das ações desmedidas de alguns homens, pois “de lo que fué i ya no es” (SARMIENTO, 2006b, p. 55). Em seu discurso, utilizou um poeta conceituado para evidenciar os sentidos que pretendia dar à narrativa. De acordo com Hall (2005, p. 51), o discurso “ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.” Sarmiento ainda não falava por uma nação existente, pois esta ainda estava em vias de formação, mas organizava, em sua narrativa, os elementos identitários que deveriam fazer parte dela. Para essa construção, lançou mão de uma determinada memória histórica que, para além da relação entre passado e presente, permitia a consolidação de uma expectativa em relação ao futuro. Neste sentido, “a memória é sempre a memória de alguém (ou de um grupo) que faz projetos e visa ao devir” (BARROS, 2009, p. 36).

O viajante estabeleceu uma comparação com os rios Hudson e Tâmisia, afirmando que estes não poderiam ser cantados tal como Echeverría cantou o Prata. Embora não conhecesse a Inglaterra e os Estados Unidos, afirmou que os vapores que se fundiam àquelas águas, os barcos carregados de mercadorias e o movimento de homens não possibilitavam perceber ou ver a solidão que se sentia no Prata. Tal solidão, para o sanjuanino, nada mais era que o “reflejo de la soledad de la pampa”, onde “hai solo la naturaleza bruta, tal como salió de las manos del Criador, i tal como la perpetúa la impotencia del pueblo que habita suas orillas” (SARMIENTO, 2006b, p. 55). Mesmo não conhecendo os rios ingleses e estadunidenses e apesar de ter recém-conhecido o Prata, atribuiu sentidos aos mesmos de acordo com o compasso civilizacional que atribuiu a cada país naquele momento.

No trecho descrito anteriormente, é possível perceber a ideia da natureza entendida como bruta, intocada, não transformada pelas mãos dos homens, ainda em seu estágio primeiro, elemento comum nas representações sobre a natureza na América desde o século XVI. Tal percepção causou uma entonação de lamento e denúncia no texto de Sarmiento, pois se a natureza bruta representava a grandiosidade do Rio e, por extensão, da sociedade, também representava o atraso e a impotência dos moradores dos pampas diante do despotismo. A comparação com os Estados Unidos continuou de forma maniqueísta. Embora a natureza da América do Sul, através dos rios, fosse privilegiada em relação à América do Norte, em termos políticos, o que a caracterizava era o atraso. Enquanto os americanos do norte abriram as suas portas para o progresso e transformaram rapidamente um bosque em uma capital, para os espanhóis não houve progresso rápido, súbito e “lo que ántes fué, será siempre” (SARMIENTO, 2006b, p. 56).

A natureza ganhou um tratamento sagrado nas considerações de Sarmiento em relação ao poema de Echeverría, questão também recorrente no pensamento social americano do século XIX, como bem demonstrou Maria Ligia Coelho Prado ao refletir

sobre o processo de conquista da *wilderness* na América do Norte. No que concerne à noção de *wilderness*, a sacralização da natureza foi fundamental, pois legitimava o discurso referente à conquista do espaço e à superioridade dos americanos, já que tal ideia foi considerada “o verdadeiro caminho da revelação divina” (PRADO, 2004, p. 187). Já para Sarmiento, o fato de a natureza da América ter saído diretamente das mãos de Deus não tornava a sociedade sul-americana superior em relação a outros povos, pois os pampas e a brutalidade do meio perpetuaram a impotência social. A natureza bruta, portanto, foi considerada em uma perspectiva negativa.

Considerações finais

Domingo Faustino Sarmiento foi um pensador paradigmático para a América Latina do século XIX e, sobretudo, para a Argentina, nação em vias de formação no período em que realizou sua primeira viagem a Montevidéu, em 1846.

Por meio da análise do texto resultante da viagem, foi possível observar que o autor compartilhava do imaginário geográfico ocidental do século XIX (mas também de períodos anteriores) em relação à América Latina, compartilhado por muitos viajantes e naturalistas, ao considerar o Rio da Prata como um elemento altivo e imponente da natureza local. Tais ideias foram significativas na construção de um sentimento capaz de incutir, nos moradores desses espaços, a sensação de pertencimento à nação imaginada e desejada. No século XIX, enquanto muitos literatos europeus estavam preocupados em contrapor sua arte à modernidade e ao processo de industrialização e de destituição da sensibilidade humana, os americanos se voltavam para si, preocupados em saber quem eram e qual o papel deveriam ocupar no compasso da civilização ocidental. Neste percurso, pensaram sua identidade a partir daquilo que parecia mais próximo e mais peculiar: a natureza, e a partir dela buscavam a base para uma afirmação nacional. Neste contexto, Domingo Faustino Sarmiento se destaca como um autor representativo dos modos de se pensar a natureza como cerne da cultura identitária latino-americana.

Ao longo de sua narrativa, utilizou elementos desta representação para identificar aspectos históricos e políticos do momento em que realizou a viagem, realizando uma leitura crítica do contexto social da época.

Fonte

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes: edición crítica de Javier Fernández (coord.)*. 2 ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

Referências

BARROS, José D'Assumpção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. *Mouseion*, v. 3, n.5, , p. 35-67, jan./jul. 2009.

CICERCHIA, Ricardo. Jorney to the centre of the earth: Domingo Faustino Sarmiento, a man of letters in Algeria. *J. Lat. Amer. Stud.*, Cambridge University Press, v.36, p.665-686, 2004.

FERNANDES, Javier. De Valparaíso a Río de Janeiro. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes*: edición crítica de Javier Fernández (coord.). 2 ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

GERBI, Antonello. *O Novo Mundo*: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras: 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. *Civilização e Barbárie*: a representação da nação nos textos de Sarmiento e do Visconde do Uruguai. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História Social, Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

MYERS, Jorge. A revolução de independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825) In: PAMPLONA; MÄDER, Maria Elisa (orgs.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas*: região do Prata e Chile. São Paulo: Paz e Terra, 2007. p. 69-92.

NAXARA, Márcia. Natureza e civilização: sensibilidades românticas em representações do Brasil no século XIX. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (res)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001. p. 431-456.

PAGLIAI, Lucila. Facundo: La historia del libro en vida de Sarmiento. In: JITRIK, Noé (Dir.). *História Crítica de la literatura argentina*: Sarmiento, Buenos Aires: Emecé, 2012. v. 4.

POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX*: tramas, telas e textos. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. Prefácio à edição brasileira. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo* civilização e barbárie. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 19-40.

PRATT, Mary Louise. Humboldt e a reinvenção da América. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p.151-165, 1991.

SAER, Juan José. Liminar: sobre los Viajes. In: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes*: edición crítica de Javier Fernández (coord.). 2 ed. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996. p. XVII-XX.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. *Memória e (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001. p. 37-58.

SHUMWAY, Nicolás. *A invenção da Argentina*: historia de una ideia. São Paulo: Edusp; Brasília: UNB, 2008.

Artigo recebido em: 30 abr. 2013
Aceito para publicação em: 18 jun. 2013